

Questão 08

Para responder às questões de **07 a 11**, leia o primeiro poema da seção intitulada "Homenagem a Ricardo Reis", da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), publicado originalmente em 1972 no livro *Dual*.

Não creias, Lídia, que nenhum estio¹
Por nós perdido possa regressar
Oferecendo a flor
Que adiamos colher.

Cada dia te é dado uma só vez
E no redondo círculo da noite
Não existe piedade
Para aquele que hesita.

Mais tarde será tarde e já é tarde.
O tempo apaga tudo menos esse
Longo indelével rasto²
Que o não-vivido deixa.

Não creias na demora em que te medes.
Jamais se detém Kronos³ cujo passo
Vai sempre mais à frente
Do que o teu próprio passo.

(Sophia de Mello Breyner Andresen. *Coral e outros poemas*, 2018.)

¹ estio: verão.

² rasto: rastro.

³ Kronos: do grego khrónos, "tempo". Na mitologia grega, titã do tempo.

QUESTÃO 08

"O tempo apaga tudo menos esse
Longo indelével rasto
Que o não-vivido deixa." (3ª estrofe)

Depreende-se desses versos que

- (A) o que entendemos por tempo é uma construção subjetiva.
- (B) o tempo é incapaz de apagar nossas vivências mais íntimas.
- (C) o que não foi vivido está sujeito a se perder com o tempo.
- (D) o que entendemos por tempo é uma construção social.
- (E) o que não foi vivido não pode ser apagado pelo tempo.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA: E

Os versos demonstram que o tempo só não é capaz de apagar aquilo que não foi vivido, ou seja, tudo aquilo que tem existência é possível de sofrer a ação do tempo.